

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS DE PÉ DIABÉTICO NO BRASIL ENTRE OS ANOS DE 2011 A 2021: ÓBITOS, INTERNAÇÕES E CUSTOS HOSPITALARES.

Congresso Online Brasileiro de Medicina, 2ª edição, de 28/03/2022 a 31/03/2022
ISBN dos Anais: 978-65-81152-56-7

ALMEIDA; Luisa Gabriela Português¹, LOPES; Jesana Costa²

RESUMO

Eixo temático: Clínica Médica **Introdução:** O pé diabético é definido como uma ulceração associada com neuropatia e/ou doença arterial periférica da extremidade inferior em um paciente com diabetes, sendo esta uma das complicações mais temidas devido à incapacidade que gera e suas repercussões na qualidade de vida das pessoas que o sofrem. Além disso, é a causa mais comum de hospitalização e de infecção e, por conseguinte, amputação do membro inferior. **Objetivo:** Caracterizar o perfil epidemiológico dos casos de pé diabético ocorridos no Brasil entre os anos de 2011 e 2021. **Métodos:** Trata-se de um perfil epidemiológico do tipo descritivo, sendo a coleta de dados realizada através do Sistema de Internação Hospitalar (SIH) no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil (DATASUS), acessado em fevereiro de 2022. As variáveis selecionadas foram tipo de procedimento, custos hospitalares, internações, média de permanência e óbitos no período de 2011 a 2021 no Brasil. **Resultados:** Foram registrados 1.309.261 internações para tratamento das complicações do Diabetes Mellitus resultando em 58.775 óbitos no Brasil, sendo 6.124 (10%) deles devido a complicações de circulação periférica conhecida como pé diabético. A média de permanência na internação foi de 5,6 dias em contraste com 7,8 dias do tratamento de pé diabético complicado, representando uma diferença considerável. Houve aumento significativo na média em 2014, 2015 e 2018 representando um custo anual de 71 milhões de reais ao SUS. Assim, esse paciente pode apresentar complicações como infecção que podem evoluir para amputação. Além disso, é essencial recuperar a autonomia para locomoção e atividades do cotidiano desse indivíduo, sendo a protetização um desafio para a equipe multiprofissional que lida com as limitações clínicas, emocionais e sociais do paciente. Se não bem acompanhado, pode causar o abandono do uso da prótese e/ou reamputações. Vale ressaltar que a amputação do membro inferior está associada a baixas taxas de sobrevivência, principalmente em países em desenvolvimento, pois os pacientes procuram tardiamente a assistência médica. Dessa forma, quanto maior a duração dos sinais e sintomas, maior o risco de infecção e de complicações pós-operatórias. Ainda, houve aumento no número de óbitos na pandemia, sendo 688 (2020) e 682 (2021) óbitos de pé diabético complicado. Isso ratifica a dificuldade em

¹ Universidade Federal do Tocantins, gabriela.luisa@mail.uft.edu.br

² Universidade Federal do Tocantins, jesana.lopes@uft.edu.br

conseguir tratamento para essa patologia devido ao medo de exposição, maioria dos leitos serem destinados ao tratamento do Covid-19, superlotação hospitalar que deixou pacientes com outras queixas desamparados e lentidão no acesso aos serviços médicos resultando em uma maior chance de amputação, protetização ou morte desses pacientes. **Conclusões:** O estudo ratifica que, mesmo com tratamentos disponíveis no país, um número significativo de pacientes com pé diabético complicado podem evoluir para amputação ou óbito. Esses dados são amparados pelo cenário de pandemia, uma vez que a busca pela assistência emergencial oferece riscos e retarda a assistência o que determina uma maior chance de amputação, protetização e morte.

PALAVRAS-CHAVE: epidemiologia, Brasil, Pé Diabético, Diabetes Mellitus